Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

UMA PARTE DE MIM É TODO MUNDO

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Resumo: A partir da discussão sobre o Seminário *A Identificação*, propõe-se refletir sobre a direção do tratamento na clínica com a criança e sobre os finais de análise possíveis. Na articulação entre os textos de Marie-Claude Thomas e Jacques Lacan, surgem as questões sobre a especificidade deste tratamento e tentativas de resposta. No Seminário *IX*, Lacan questiona a identificação como efeito da dissolução da transferência ao final da análise. O que está em discussão é se isso se dá da mesma forma na clínica com a criança.

Palavras-chave: identificação, transferência, final de análise, infância

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

ONE PART OF ME IS EVERYONE

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Abstract: From the discussion on the Identification Seminar, it is proposed to reflect on the direction of treatment in the clinic with the child and on the possible ends of analysis. In the articulation between the texts of Marie-Claude Thomas and Jacques Lacan, questions arise about the specificity of this treatment and attempts to respond. In Seminar IX, Lacan questions identification as an effect of the dissolution of transference at the end of the analysis. What is under discussion is whether this happens in the same way in the clinic with the child.

Keywords: identification, transference, end of analysis, childhood

São Paulo

2024

“Uma parte de mim é todo mundo”

Maria Cristina Teixeira Prandini

Durante o estudo do Seminário IX - *A identificação* - a pergunta de André, um analisando de seis anos, esteve presente... “Cristina, como eu faço para saber que eu sou eu?”.

Pergunta inquietante por conta da circunstância da sua vida naquele momento e também pelo momento da sua análise.

Pergunta presente também ao longo do Seminário – onde está o sujeito, como se constitui, o que se passa no percurso de uma análise?

Os temas: *significante e sujeito* vinham sendo tratados por Lacan de forma alternada, ao longo dos seus seminários. Nas palavras dele... “vocês podem encontrar aí uma alternância, uma pulsação...vocês verão que de 2 em 2 domina alternadamente a temática do sujeito e do significante...o que, dado que é pelo significante, pela elaboração do simbólico que começamos, faz também recair este ano sobre o significante...já que o importante na identificação deve ser propriamente a relação do sujeito com o significante.” (LACAN, 2003(a),13).

Na discussão que Lacan estabelece entre a linguística, a matemática e a topologia, o conceito de significante assume outra dimensão – não se trata apenas do que está presente nas formações do inconsciente, na transferência, nos sintomas e sim da matéria-prima que constitui o sujeito.

Lacan trata o conceito de significante na sua articulação com o sujeito em sua constituição e com o que ocorre no percurso de uma análise. Seminário seguinte ao da *Transferência*, ele se pergunta pelo desenlace desta ao final da análise, contestando com veemência a ideia dos pós-freudianos que, ao final da análise, o analisando se identifica com o analista.

A preocupação de Lacan é clínica, mas é também com a transmissão da Psicanálise e com as associações dos analistas.

Pensando que a possibilidade do sujeito se dizer em sua singularidade é dada pelo seu engendramento na cadeia significante, se o conceito deste muda, como se modifica o conceito de sujeito? Não mais o sujeito do desenvolvimento, que já não era mesmo, e sim o sujeito estrutural, “que pode ser representado sob a forma de algoritmo” (LACAN, 2003(a), p.95).

Esta modificação no conceito de sujeito consistente, psicológico, modifica também a forma com que o analista escuta os seus analisandos e o próprio encaminhamento de uma análise, que fica mais distante ainda de qualquer vestígio de processo de autoconhecimento, de adaptação.

Se, por um lado, as perguntas “onde está o sujeito?”, “do que sofre?” se colocam para o analista desde o início do tratamento, para o analisando a indagação “quem sou eu?” ou “o que sou eu?” nem sempre é colocada de imediato, muitas vezes é efeito do próprio desenvolvimento da análise e da intervenção do analista.

Lendo retroativamente o Seminário da Transferência, por indicação do Mauro, encontramos a passagem onde Lacan diz que o paciente vem para a análise para se reafirmar, reencontrar a si mesmo e... cai do cavalo.

Lacan insiste na diferença entre identidade e identificação, esta marcada pela relação do sujeito com o significante e aquela composta por indícios pelos quais o sujeito se reconhece numa imagem de si próprio.

É justamente essa construção da identidade, da identificação imaginária, da ideia de si mesmo que está em questão. Basta prestarmos atenção às nossas análises ou de nossos analisandos, para acompanharmos de perto as várias maneiras que a imagem de si mesmo comparece sendo abalada, reafirmada... “esta sou eu, não sou assim, isto me representa”.

O título deste trabalho “Uma parte de mim é todo mundo”, é um verso do poema “Traduzir-se” de Ferreira Gullar. Este poema tem uma história: conta o poeta que estando num dia particularmente difícil, atribulado com problemas pessoais, foi surpreendido pelo entusiasmo de alguns admiradores que festejaram o encontro com o poeta. Ele se estranha porque, naquele momento, não era o poeta, não se reconhecia no olhar daquelas pessoas. Mais tarde, ainda atordoado, se pergunta, então quem sou eu? E a resposta veio pelo poema:

Uma parte de mim
é todo mundo
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo
Uma parte de mim
é multidão

outra parte estranheza

e solidão.

Ouvi de um analisando, depois de um bom percurso de análise, o seguinte... “eu precisava falar de mim numa proposta de trabalho, foi muito estranho, sabia que o que interessava eram os diplomas, experiência profissional, ainda assim fiquei no vazio, não sabia o que responder”.

Acompanho essa fala e não posso deixar de observar que ainda que um mal-estar esteja presente há também um tom divertido, de curiosidade. Penso que há uma diferença muito grande em relação ao modo como ele passou a vida respondendo a esta pergunta, pelo trabalho exaustivo, buscando um reconhecimento que nunca era suficiente. Como diz Mauro, neste momento o sujeito fala de si mesmo como outro em outra posição.

E o que se passa com as crianças em análise?

É um tema que sempre nos desacomoda, basta ver a tentativa de falar melhor sobre esta prática: Psicanálise com crianças e não da criança, nem uma, nem outra, Psicanálise apenas!

Se pensarmos nas diversas rupturas que o movimento psicanalítico sofreu desde Freud, uma delas foi pela divergência entre Anna Freud e Melanie Klein sobre o tratamento dado as crianças.

Com relação a esta pergunta “quem sou eu?”, vejo muito pouco essa indagação na clínica com a criança. Da mesma forma como a personagem Alice do livro “No País das Maravilhas” não costuma ter muito sucesso entre elas, uma vez que é uma personagem que se interroga muitas vezes por si mesma.

A criança não pergunta, mas responde sendo, ocupando um lugar que lhe é destinado, consentindo ou em conflito com essa determinação.

No texto *“Nota sobre a criança”* Lacan traz uma indicação precisa que orienta a escuta do analista e a direção do tratamento. Ele estabelece 3 lugares possíveis para a criança ocupar. Acompanhando o texto na página 373 dos Novos Escritos... “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar”. Ou seja, o sintoma como representante da verdade do casal parental é o mais complexo, mas também o mais acessível às nossas intervenções.

O outro lugar ocupado pela criança é quando o sintoma decorre da subjetividade da mãe, “sem a intermediação paterna, deixando a criança exposta a todas as capturas fantasísticas”.

E outra situação é a própria criança e não seu sintoma que encarna a fantasia da mãe. A posição diferente que a criança ou seu sintoma ocupa na família exige que o analista mantenha a possibilidade de incluir os pais no tratamento e isto não se dá sem dificuldades. Algumas intervenções, mesmo quando necessárias, casos de abuso, separações litigiosas dos pais, deixam para o analista indagações sobre sua função, sobre seus limites.

É comum ouvir de analistas nesses momentos a pergunta – isto que estou fazendo é Psicanálise? - Pergunta incômoda e necessária, uma vez que o dispositivo analítico não se sustenta por si mesmo, e sim pela presença do analista.

Como tentativa de fazer avançar esta pergunta, vou me valer de uma indicação de Marie-Claude Thomas no livro “Lacan com Melanie Klein “e fazer uma articulação com “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” de Jacques Lacan.

Em análise, diz Marie-Claude Thomas, uma criança é uma criança e não é uma criança. Podemos pensar que não é uma criança poque o analista marcado pela política da Psicanálise, pela estratégia da transferência, vai escutá-la como sujeito, independente da sua idade.

Política que diz da adesão do analista aos fundamentos teóricos, clínicos e éticos da Psicanálise, da sua ligação com seus pares, a partir dos quais ele pode, como diz Mauro, zelar pela estratégia que é a transferência, esta moldada pela constituição fantasmática do sujeito. No que diz respeito à política e à estratégia, o analista é menos livre do que na tática.

Na tática, que é o manejo da transferência, podemos dizer que a criança é uma criança, aqui o analista dispõe de mais liberdade, pode se valer dos recursos que julgar necessários para fazer avançar a análise. Mais liberdade desde que alinhado à política e à estratégia.

O analista se vê mais livre e mais suscetível de se atrapalhar pelas particularidades da criança. Uma delas é a presença da família, das intervenções necessárias, a partir das indicações feitas por Lacan.

Quando falamos em ideais dos pais, nos quais a criança ocupa um lugar, é importante pensar que nestes estão presentes os valores da cultura que não são sempre os mesmos. No encontro que tivemos, aqui no Vox, “Sobre a Psicopatologia

da Vida Contemporânea", pudemos discutir os efeitos do ideal de eficiência, produtividade, autonomia, liberdade no desenvolvimento das crianças no mundo atual.

Ainda no que diz respeito às táticas, o que há de específico no trabalho com as crianças é sua forma de se dizer, de se contar, que é pelo brincar, que não tem nenhum teor de facilitação da comunicação e nem de alívio das tensões.

A criança brinca para construir respostas para o que não sabe, respostas para perguntas que muitas vezes ainda não foram feitas.

Freud no seu texto de 1907 "Escritores Criativos e Devaneios" fala dessa capacidade que a criança tem de incluir na brincadeira os elementos do mundo externo que a inquietam.

Neste sentido podemos entender que pela brincadeira ela interpreta o mundo que a rodeia. M. Claude fala do brincar como uma oficina de metáforas.

Mesmo a brincadeira mais simples, banal até, indica algo do sujeito.

Um exemplo: numa disputa de dois times de bolinhas de gude, Francisco escolhia sempre a menor para batalhar primeiro repetidas vezes. Ao ser interrogado, responde: "é a mais fraca, ela morre primeiro e protege os mais fortes para ganhar o jogo."

Ou seja, para a brincadeira ter o mesmo estatuto da associação livre, o analista precisa escutar, escutar com os olhos, o olhar é importante, brincar junto, brincar separado.

André começou a dar sinais de que sua análise caminhava para o término, o mais nítido foi chegar ao meu consultório todo esbaforido e feliz da vida, tinha deixado a pessoa que o acompanhava para trás e subido sozinho de elevador.

Nada mal para um garoto que havia sofrido muito e causado tanto transtorno para sua família por conta da sua claustrofobia, assim chamada por ele.

Durante a sua análise, André manteve um roteiro interessante, ao chegar, sentava-se no divã e trazia a lista do que "precisamos trabalhar", em geral recados dos pais, professores, ligados a algo acontecido com ele, seus chiliques como eram chamados, seus protestos, dificuldades para dormir, seus momentos de pânico. Logo depois se dirigia aos jogos, inventava brincadeiras, desenhava.

E assim caminhou a sua análise, entre um sujeito assujeitado pelos ideais parentais, fazendo sintomas por não poder cumpri-los e um sujeito ensaiando, inventando uma nova posição. Num primeiro momento, se apresenta como falado pelo Outro, num segundo momento se encena num outro lugar. Como diz Mauro, inventar

essa nossa posição vem como efeito do esvaziamento da consistência dada ao sujeito pela sua fantasia.

O encaminhamento para o término da análise foi interrompido por uma notícia trágica que foi a morte de uma criança da sua escola. Junto com a comoção, o abalo de algumas construções que ele tinha como certas: “não sabia que criança morre”.

Que brincadeira inventar diante disso? O impacto se amplia em novas perguntas.

- Os pais mentem?

- Os pais não sabem?

Nenhuma resposta restaura a paz perdida.

Ele formulava perguntas na análise que levava para os pais, que em algum momento recorreram ao discurso religioso.

“Já sei, se eu morrer vou para o céu, mas lá eu vou saber que eu sou eu?”

Novos giros da análise para que André construísse a resposta sobre si mesmo e ao mesmo tempo integrasse os pais numa nova posição.

“Eles não sabem tudo, mas cuidam de mim.”

Recorro aqui ao trabalho primoroso escrito pela Grace Lagnado, Carmen Molloy, Lia Fernandes, Maria Cristina Oliveira e Marli Ciriaco Vianna sobre finais de análise com crianças.

Para falar em finais de análise é preciso falar em finalidade que... “não visa atingir um ponto final, mas sim o tratamento do sofrimento envolvido em um determinado tempo da infância.”

Uma condição importante a ser observada é “a criança deslocar-se do lugar que ocupava na economia psíquica dos pais sem produzir sintomas que lhe causem sofrimento excessivo; considerando que há um sofrimento inerente à vida, que nenhuma análise se propõe a curar”.

E ainda uma recomendação das autoras que considero preciosa... “é preciso que se mantenha um tanto de ilusão do engano do narcisismo primário, sem a qual a criança poderá se deprimir”. Ou seja, ela precisa manter alguma convicção de ser si mesma, ancorada em algum saber do Outro.

Neste sentido, eu penso que ao término da análise podemos considerar que uma criança é uma criança.

Para finalizar, retomo o poema:

TRADUZIR-SE

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.

Traduzir-se uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

Referências

DIAS, M. M. **Anotações do Seminário Enlaçamentos e Desenlaçamentos do Inconsciente**. Seminário realizado no Instituto Vox, 2023.

GULLAR, F. **Na vertigem do dia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

LACAN, J. **A identificação**: seminário 1961-1962. Trad. CORRÊA, I.; Bagno, M. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003(a).

LACAN, J. Nota sobre a criança. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003(b), p. 369.

MOLLOY, C. S.; LAGNADO, G.; FERNANDES, L.; OLIVEIRA, M. C.; VIANNA, M. C.. Não preciso mais vir aqui. In: Wajntal, M. **Clínica com crianças**: enlaces e desenlaces. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

THOMAS, M. C. **Lacan com Melanie Klein**: as crianças no jogo analítico. São Paulo: Zagodoni, 2024.